

## Da minha biblioteca

## Retrato de Rapaz, de Mário Cláudio



Adriana Nogueira

Classicista  
Professora da Univ. do Algarve  
adriana.nogueira.cultura.sul@gmail.com

Passei os olhos pelas estantes e reparei num conjunto de livros, deitados (e não na vertical como os outros dessa prateleira, que é como eu os ponho quando me falta espaço numa qualquer letra, o C, neste caso). Não eram muitos (apenas 9, num universo bem mais extenso). Entortei a cabeça, para ler os títulos, e lá estava o nome de Mário Cláudio, autor sobre o qual aqui nunca tinha escrito. A cor da lombada de um deles, em *bordeaux*, com letras brancas, destacava-se das outras (brancas ou pretas) e eu lembrava-me bem do livro, lido recentemente (2014): *Retrato de Rapaz*.

## A identidade

Mário Cláudio é o pseudónimo de Rui Manuel Pinto Barbot Costa. Durante algum tempo não soube disso, apesar do primeiro livro que comprei dele, em 1992, *Tocata para Dois Clarins*, ter um pendor autobiográfico (que eu na altura não soube – não devia ter lido nenhuma crítica sobre o assunto) e as últimas palavras daquela novela serem «Rui Manuel».

A ideia de um autor que usa pseudónimo sempre me despertou curiosidade, imaginando as razões que poderiam subjazer ao facto (no caso de Mário Cláudio, foi por razões pragmáticas, para que o, então, recém-advogado não fosse confundido com o escritor). Mas mais curiosidade tive quando surgiu, em 2011, *Tiago Veiga, uma biografia*. Terá Tiago Veiga existido? Será um novo pseudónimo? Ou será um heterónimo? Mário Cláudio não quis ser explícito nas respostas que foi dando a estas perguntas, mas numa entrevista à revista LER, declarou: «Como figura de ficção,



Mário Cláudio foi premiado pelo romance 'Retrato de Rapaz' ||

Tiago Veiga tem de ser respeitado por razões de afecto. Explico-lhe porquê: uma das maiores deceções que tive foi quando os meus pais me disseram que o Pai Natal não existia. Estava farto de saber mas não queria confrontar essa verdade. Fiquei completamente devastado. Não quero devastar ninguém».

## Biografias

É notório que muitos dos seus livros são de biografias. Uns por encomenda (como foi o caso de *Amadeo*, a pedido de Vasco Graça Moura), outros, porque encontrou nas vidas dos biografados razões para isso. Numa entrevista a Anabela Mota Ribeiro, à revista *Seleções do Reader's Digest*, afirmou: «Quando vejo uma figura biografável, sinto que, de alguma forma, essa figura me chamou. É mais uma possessão de uma figura que exige que eu a biografado que propriamente uma busca minha. São figuras que têm alguma coisa a ver comigo, mesmo que a afinidade se manifeste por um lado mais negativo. A única coisa que depois respeito é a cronologia. Faço uma psicobiografia,

uma incursão pela personalidade da pessoa, pelas atmosferas a que esteve ligada, muito mais que pelos factos verificáveis».

## «Um discípulo no estúdio de Leonardo da Vinci»

Este livro não é uma biografia de Leonardo da Vinci, que é nomeado, frequentemente, apenas por «o Homem». Um narrador omnisciente acompanha o rapaz que dá o título ao livro, cujo pai o entregou ao mestre para ser um criadito para varrer a oficina, mas que, dada a sua natureza conquistou o grande pintor e tornou-se um dos seus aprendizes mais chegados. E é essa natureza que é explorada na obra (139 páginas), onde ele é tratado por ganapo, moço, moçito, catraio, pequeno, miúdo, gaiato (nomes exemplificativos, retirados apenas das pp. 21-24). Por vontade de agradar ao amo ou por vontade de chocar os outros, o rapaz vive, desde cedo, no exagero e no desregramento. Quando toda a oficina se esmera por contribuir para a construção do modelo do gigantesco cavalo encomendado por Ludovico

Sforza para homenagear o seu pai, «o ganapo, levado pelo inconsciente afã de reconquistar as boas graças do amo, assumindo uma natureza equestre, manifestada em trotes e galopes, em relinchos, em violentos bufos das narinas, e nesse gemido plangente, comum aos cães, que denota a queixa, a súplica, ou a declaração de amor. O próprio construtor do cavalo deliciava-se com tais entremezes, e dir-se-ia estimulá-los até, isto como se o catraio o apoiasse no devaneio em que andava, e no engenho que punha na concretização dos seus artefactos» (p.26).

Quando cresceu, aprimorou as suas qualidades de ladrão, manipulador, fanfarrão, abusador, sempre com a complacência do artista. Amante? Pai? Irmão? A relação entre os dois não é explicitada, mas deixa-nos pistas da cumplicidade que sempre os uniu.

Anos depois, quando a idade já não lhe permitia ser chamado pelos nomes que antes o descreviam, pois mantinha, paradoxalmente, a malandrice e ingenuidade da quase infância, o narrador anexa expressões

ou adjetivos para o descrever: é chamado de «o moço de outrora» (p.116), «o pretérito rapaz» (p.120), «o antigo jovem», «o adolescente perpétuo» (p.121), ou «o jovem de antanho» (p.128).

Um outro nome pelo qual é tratado no texto é «Salai», alcunha por que o aprendiz era chamado por Leonardo, insinuando que o moço era um «diabinho», e em que se reconhecia a sua natureza de 'ladrão' e 'mentiroso', de 'teimoso' e 'glutão', conforme o amo o caracterizava» (p.37). Durante muito tempo foi conhecido como Andrea Salaino, até que no séc. XX o seu nome foi recuperado: Gian Giacomo Caprotti, chamado de Salai.

Leonardo parece passar flutuante, pouco definido, pela narrativa. Quando está a morrer, é isso que se observa nele: «Um nevoeiro pairava nos olhos do génio, igual ao que torna irresistível de compaixão a mirada dos cães moribundos. E nisso via o aprendiz a velatura que desde sempre cobrira rostos e

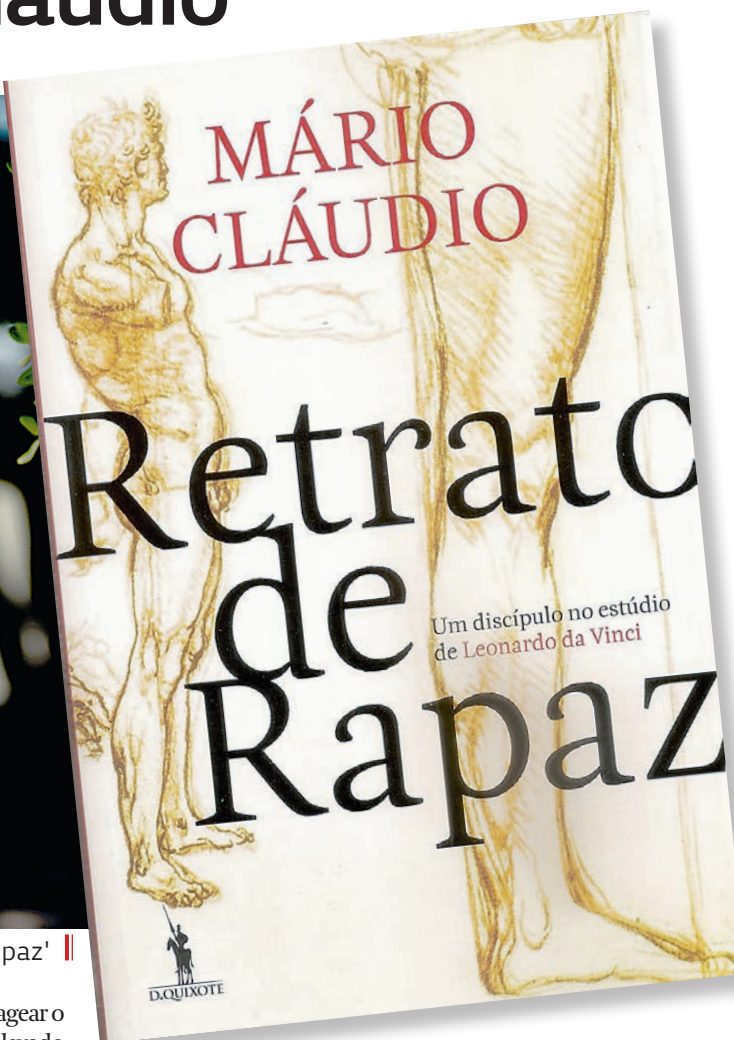
paisagens do pintor».

Mas, na verdade, é Leonardo que constrói Salai, como se cria uma obra, tirando aqui, acrescentando ali, permitindo isto, não recriminando aquilo, castigando aqueloutro. Ao perceber os suspiros finais do mestre, o rapaz «Fugiu por fim à morte que invadia o que lhe talhara a vida, não como desistem os covardes que não podem amar, mas como escolhem os heróis que entregam o coração para além da caducidade dos dias» (p.130).

Alguns desenhos de Leonardo e de Salai ilustram o livro, não apenas para distração ou instrução do leitor, mas justificados pela narrativa, que os enquadra no momento da sua criação.

A linguagem usada, algo arcaizante, contribui para nos cercar num clima de *sfumati*, como a pintura do mestre, suavizando a brutalidade de algumas descrições de abusos e deboches.

Não podemos deixar de ter compaixão pelo «rapaz de sempre».



## AGENDAR



## “DESCORTINAR”

Até 30 ABR | Galeria do Convento do Espírito Santo - Loulé

Tata Regala apresenta um estudo fotográfico sobre o conceito de retrato, onde as palavras vestem e desnudam



## “PINTURA DE CASSIANO LIMA”

Até 29 FEV | Galeria Pintor Samora Barros - Albufeira

O autor é apaixonado por pintura há mais de 20 anos, contando no seu curriculum com várias exposições individuais e colectivas em Portugal e no estrangeiro